

CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

# NINGUÉM VEIO ME VER

*12 anos preso por um erro  
- até que a escola me libertou*

Editora  
**LUMANIZE**

**Autora**  
Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

NINGUÉM VEIO ME VER  
12 ANOS PRESO POR UM ERRO - ATÉ QUE A ESCOLA ME LIBERTOU



Copyright © Editora Humanize  
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

### **Autor**

Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

### **Publicação**

Editora Humanize

### **Diagramação e Editoração**

Luis Filipe Oliveira Duran

Caroline Taiane Santos da Silva

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Editora Humanize, BA, Salvador)**

Q30n  
HNV26A7

---

QUEIROZ, Clesia Carneiro Da Silva Freire.

*Ninguém veio me ver: 12 anos preso por um erro – até que a escola me libertou - 1ªed.*  
Bahia / BA: Editora Humanize, 2026.

1 livro digital; ed. I; il.

CDD 869.93)

ISBN: 978-65-5255-202-0

CDU 821.134.3(81)

1. Ficção brasileira. 2. Erro judiciário. 3. Educação prisional. 4. Ressocialização. 5. Superação pessoal.

I. Título

---

1. Ficção brasileira - CDD 869.93

2. Literatura brasileira em língua portuguesa - CDU 821.134.3(81)

# SUMÁRIO

<b>Dedicatória .....</b>	<b>6</b>
<b>Prefácio.....</b>	<b>8</b>
<b>Notas da Autora .....</b>	<b>10</b>
<b>PARTE I – O NOME QUE ME CONDENOU .....</b>	<b>12</b>
Meu nome, o assassino .....	12
O dia em que a polícia bateu na porta.....	13
A algema que não sai.....	17
Audiência de 15 minutos .....	18
Condenado sem provas .....	19
O ônibus para o inferno.....	20
<b>PARTE II – DENTRO DA BESTA.....</b>	<b>21</b>
O portão se fechou.....	21
Minha primeira noite no chão .....	22
O banho que não lava .....	23
A faca no pescoço.....	24
Violentado na cela 10.....	25
A noite em que Caveira falou .....	26
Sangue e silêncio.....	27
Trabalho escravo da alvorada ao breu .....	28
A comida dos ratos.....	29
Carta que não esperava.....	29
<b>PARTE III – O ABANDONO .....</b>	<b>31</b>
O primeiro ano sem visitas .....	31
"Seu advogado desistiu".....	31
A mãe que quase veio.....	32
Os irmãos que viraram estranhos.....	34
Natal no presídio – 8 anos seguidos .....	35
O grito que ninguém ouviu .....	36
Quase morri de esquecimento .....	36
O dia que pensei em me enforcar .....	37

<b>PARTE IV – A ESCOLA DENTRO DO MURO .....</b>	<b>39</b>
Um livro rasgado no lixo .....	39
A primeira palavra: "inocente" .....	40
O preso que sabia as letras (meu primeiro professor) .....	41
Do analfabeto ao devorador de livros em 2 anos .....	42
Mas eu tinha tempo. 14 horas por dia. ....	43
O código penal que peguei da biblioteca .....	44
Rasguei o Código .....	44
Provas por carta – ninguém me ajudou .....	48
A notícia que mudou tudo: autorização para exame da OAB .....	49
<b>PARTE V – DA PRISÃO À LIBERDADE.....</b>	<b>50</b>
A prova da OAB dentro do presídio.....	50
"Aprovado" – o choro que eu não segurei .....	51
O juiz que não queria me soltar.....	52
12 anos, 3 meses e 6 dias – o portão rangeu.....	53
O primeiro passo na rua (sem saber usar celular).....	54
Reencontro com a mãe – o perdão que levou dois dias .....	55
Meu primeiro caso: um homônimo que eu salvei.....	56
Um passo em falso.....	57
Uma nova família .....	59
O inferno me ensinou, a escola me libertou .....	59
Ninguém veio me ver – hoje, muitos querem me abraçar.....	60
<b>EPÍLOGO .....</b>	<b>62</b>
O que não digo aos meus clientes .....	62
Se você está na prisão da vida .....	63

# Dedicatória

A todos que já dormiram no chão frio de uma cela – mesmo que a cela fosse o coração vazio de quem os abandonou.

A todos que um dia olharam para o portão da visita e não viram ninguém chegar. Nem no primeiro domingo. Nem no décimo. Nem nunca.

A todos que encontraram num livro rasgado, numa página amarelada, na primeira palavra que aprenderam a ler – inocente – a única prova de que ainda estavam vivos.

A todos que escolheram estudar em vez de odiar.

A todos que perdoaram a mãe que não veio, o irmão que virou as costas, o juiz que não olhou.

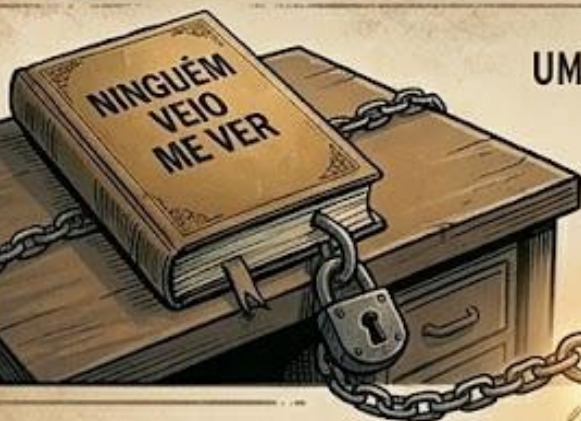
A todos que saíram da prisão e construíram uma casa com os próprios braços – e dentro dela, uma família que nunca vai saber o que é o silêncio de um Natal sem visita.

E especialmente a Severino.

Ele nunca existiu.

Mas ele mora em cada um de vocês.

E enquanto houver um livro aberto numa cela escura, ele continuará vivo.



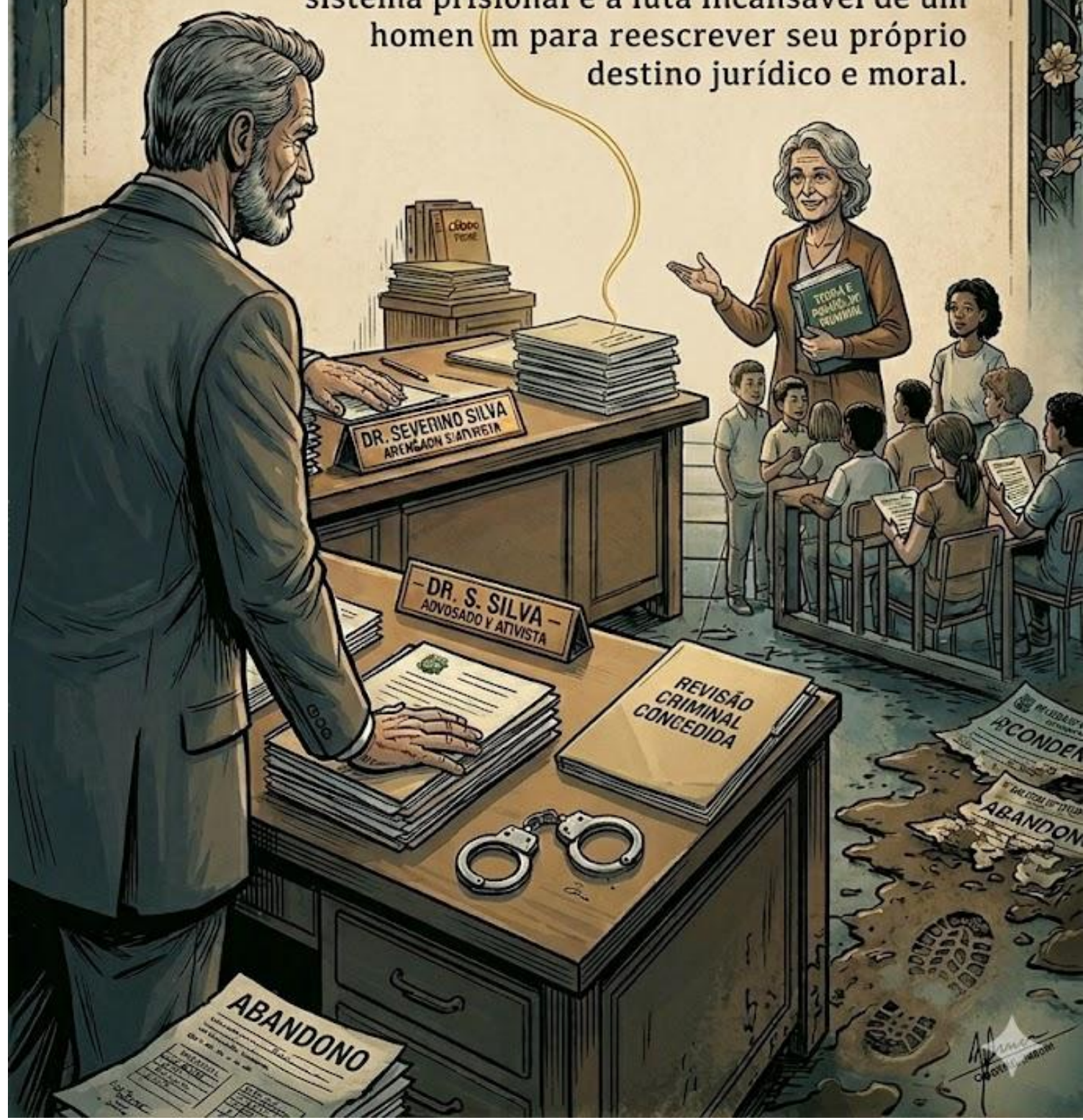
UMA LIÇÃO DE HUMANIDADE E DIREITO.

- Resenha Literária

O PODER DA PALAVRA QUE  
QUEBRA AS CORRENTES.

- Crítica Cultural

**NINGUÉM VEIO ME VER - Do Abandono à Libertação.**  
Uma narrativa gráfica sobre o poder da educação no sistema prisional e a luta incansável de um homem para reescrever seu próprio destino jurídico e moral.



# Prefácio

**Por que esta história precisava ser contada (mesmo sendo ficção)**

Quando decidi escrever este livro, não queria fazer uma denúncia.

Não quero que você termine a leitura com ódio do juiz, nem com raiva do delegado, nem com vontade de processar o Estado.

Quero que você termine com o peito aberto e os olhos molhados. Quero que você acredite que um ser humano pode cair no fundo do poço e ainda assim escolher se levantar.

Severino Silva não existe. Criei ele.

Sou professora e pesquisadora do sistema penal, mas este livro não é fruto de estatísticas ou relatórios. É fruto de uma pergunta que nunca me saiu da cabeça:

*"O que faz um homem que perdeu tudo – liberdade, família, dignidade – não desistir?"*

A resposta que encontrei foi: o estudo.

Não a justiça dos tribunais. Não a vingança. Não o dinheiro de uma indenização.

A descoberta de que, mesmo na pior cela, um livro pode ser uma chave. A descoberta de que o perdão dói, mas liberta. A descoberta

de que recomeçar é possível – com uma caneta, um pedaço de papel e uma fome que não é de comida.

Eu escrevi este livro em primeira pessoa porque queria que você vestisse a pele de Severino. Queria que você sentisse a algema, o abandono, a humilhação – e também o momento em que ele lê "inocente" pela primeira vez, e o dia em que o diretor o chama de doutor.

Mas, principalmente, queria que você chegasse ao final e entendesse: a maior vitória não é processar quem te feriu. É construir uma família que te abrace. É perdoar a mãe que te deixou. É se tornar alguém que nunca faria com outro o que fizeram com você.

Severino não existe. Mas a força dele existe. Existe em cada preso que aprende a ler dentro da cadeia. Existe em cada filho abandonado que escolhe não repetir o ciclo. Existe em cada um de nós que um dia pensou em desistir – e não desistiu.

Se você chorar com este livro, não chore pela dor. Chore pela esperança.

Porque o pior da prisão não é o muro. É esquecer que você merece ser livre.

Severino lembrou.

E você também pode.

# Notas da Autora

Esta obra é de ficção. Severino Silva, também chamado de Biu Inocente, é um personagem inteiramente fictício. Não existe qualquer pessoa real com esse nome ou essa história específica. Todas as situações narradas neste livro – a prisão por homonímia, a violência na cela, o abandono familiar, o aprendizado da leitura e a conquista do diploma de advogado – foram criadas pela imaginação da autora.

A escolha de narrar em primeira pessoa foi um recurso literário para aproximar o leitor da experiência emocional do personagem. A autora não viveu nenhum dos eventos descritos nem os presenciou. O "eu" do livro é Severino Silva.

Todos os nomes próprios presentes no livro – incluindo Severino Silva, Biu Inocente, Caveira, Magrelo, Seu Eduardo, Ricardo, Marta, bem como os nomes de familiares, juízes, guardas e demais personagens – são fictícios. Qualquer semelhança com nomes de pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

O presídio descrito não corresponde a nenhuma unidade prisional específica. As condições narradas (celas superlotadas, trabalho artesanal, falta de iluminação, alimentação precária) são baseadas em características comuns a muitos estabelecimentos penais brasileiros, mas não retratam um local real.

É possível, sim, que um preso faça o exame da Ordem dos Advogados do Brasil dentro da unidade prisional, mediante autorização judicial e logística apropriada. No entanto, a cena retratada no livro é uma construção ficcional, não o relato de um caso real.

A decisão do personagem de não processar o Estado, perdoar sua família e reconstruir a vida por meio do estudo e do amor é uma escolha narrativa da autora. Não se trata de uma recomendação jurídica ou moral, mas de um arco dramático que visa emocionar e inspirar.

A autora agradece a compreensão do leitor. Que a história de Severino toque seu coração – mesmo sabendo que ele nunca existiu.



# PARTE I – O NOME QUE ME CONDENOU

## Meu nome, o assassino

Eu nunca matei ninguém.

Mas meu nome sim.

Meu nome matou uma mulher. Espancada até a morte num beco, três quarteirões da minha casa. Eu tinha 22 anos. Nunca tinha visto aquela rua.

Mas meu nome estava lá.

No boletim de ocorrência. Na boca de um sobrevivente. Na mente cansada de um delegado que queria bater o ponto e ir pra casa.

Meu nome é o mesmo do assassino.

Severino Silva. Mesma cidade. Mesmo hospital. Talvez o mesmo mês. Talvez fosse primo distante de algum vizinho. Nunca vi aquele homem. Mas ele me entregou de bandeira para o sistema.

Era uma terça-feira, 4 da manhã.

O portão foi arrancado.

— POLÍCIA! ABRA AGORA!

Eu nem levantei. Senti o frio do cano do revólver na nuca e o cheiro de suor e café ruim.

— Você é Severino Silva, o assassino?

— Não. Sou Severino Silva. Pedreiro.

— É o mesmo nome.

Não era a mesma pessoa. Nunca foi.

Mas a algema já tinha mordido meu pulso.

E o destino já tinha me engolido.

## O dia em que a polícia bateu na porta

4h17. Sei a hora porque o relógio da igreja bateu quatro e, uns segundos depois, o portão voou.

A casa tremeu. Meu irmão de 15 anos acordou gritando. Minha mãe saiu do quarto só de camisola.

Um policial derrubou ela no chão.

— FICA NO CHÃO!

Eu gritei. Era minha mãe.

A bota veio na minha costela.

— Cala a boca, assassino.

Eu nunca tinha dado um soco em ninguém. Mas ali, deitado no chão frio, com a bota no rim, entendi: não importava o que eu dissesse. Eles já tinham o homem deles.

Os vizinhos lotaram a calçada. Seu João, da padaria. Dona Maria, que me dava ovo cozido. O filho de seu Raimundo, que jogava bola comigo.

Ninguém entrou. Só olhavam.

Uma vizinha balançou a cabeça: "Eu sabia."

Ela não sabia de nada. Mas o espetáculo exige isso.

Minha mãe tentou se levantar de novo.

— Meu filho não fez nada!

O delegado, gordo, bigode ralo, nem olhou pra ela. Mas algo no seu rosto mudou por um segundo — como se ele soubesse que podia estar errado. Só um segundo. Depois voltou à cara de pedra.

— Todos são inocentes, dona. Até a gente achar a arma.

Não tinha arma. Reviraram tudo. Quebraram o guarda-roupa. Rasgaram os colchões. Levaram o dinheiro do pote de açúcar.

Quando me tiraram de casa, algemado, pés descalços, rosto machucado, vi minha mãe de joelhos no portão.

A última coisa que ouvi foi o filho de seu Raimundo:

— Sabia que ele tinha cara de bandido.

Nunca mais joguei bola com ele.

### **"Você tem direito a ficar calado" – mas eu falei**

Na delegacia, um escrivão empurrou um papel na minha frente.

— Assina aí.

— O quê?

— Confissão.

— Eu não fiz nada.

— Assina. Vai ser mais leve.

Não assinei.

Ele me deu um tapa. Depois outro. Depois me deixou duas horas sentado numa cadeira de ferro, com as mãos algemadas para trás.

Um delegado entrou. Magro. Óculos fundo de garrafa. Cheirando a café e desprezo.

— Você tem direito a ficar calado. Mas falar pode te ajudar. Vamos lá. Conta como foi.

— Eu não estava lá.

— Onde você estava?

— Em casa. Dormindo.

— Alguém viu?

— Minha mãe. Meu irmão.

— Família não serve de testemunha.

— Mas é a verdade.

Ele suspirou. Abriu a gaveta. Tirou uma foto da mulher morta.

— Olha isso. Olha bem.

Olhei. Virei o rosto.

— Tá vendo? Você fez isso.

— Não.

— Então vai ficar aqui até confessar.

Fiquei três dias sem comer. Sem dormir direito. Sem advogado.

Na terceira noite, um carcereiro abriu a cela.

— Seu advogado chegou.

Era um estagiário de 20 anos, terno folgado, pasta de couro falso.

— Vamos combinar: você fala que estava perto, mas não participou.

Pega uns 4 anos. É melhor.

— Eu sou inocente.

Ele riu. Um riso seco. — Inocente não existe, amigo. Existe quem negocia e quem sofre.

Eu não negocieei.

Ele foi embora. Nunca mais voltou.

## A algema que não sai

Me tiraram da cadeia para a primeira audiência.

O camburão cheirava a vômito. Algemado nos pés e nas mãos. A corrente apertava tanto que meus dedos ficaram roxos.

— Tá apertado — eu disse.

O policial riu. Apertou mais um clique.

— É pra você não esquecer quem manda.

A algema entrou na pele. Doeu. Muito.

Dois dias depois, o ferimento infeccionou. O enfermeiro passou soro e disse:

— Vai ficar cicatriz.

Ficou. Até hoje, quando olho meu pulso, lembro.

Não da dor.

De como a algema é pequena. Mas aperta a vida inteira.

## Audiência de 15 minutos

O fórum era branco. Cheirava a café e papel. Gente de terno andando rápido.

Entrei algemado, com escolta.

O juiz era um homem de meia-idade, cara cansada, terno azul surrado. Minha defensora pública — que eu nunca tinha visto — folheava papéis sem olhar pra mim.

— Severino Silva, o assassino? — perguntou o juiz.

— Sou Severino Silva, Excelência. Não fiz nada.

— O nome está na denúncia. Vamos lá.

A defensora disse, com a voz baixa: "Meu cliente alega confusão de identidade, meritíssimo."

O juiz perguntou se tinha prova. Não tinha. Como provar que você não é quem dizem?

Ele me olhou. Dois segundos. Vi uma fagulha de dúvida em seus olhos — ou talvez eu queira ter visto. Ele coçou a nuca. Quase perguntou algo mais. Mas o martelo já estava na mão.

— Condenado a 9 anos em regime fechado. Próximo.

O martelo bateu.

Quinze minutos.

Menos tempo que um almoço. Menos que uma novela.

Foi o tempo que ele levou para me enterrar vivo.

## Condenado sem provas

Eu não sabia, mas aquela condenação não tinha uma prova material.

Nenhuma digital. Nenhuma arma. Nenhuma testemunha que me visse no beco.

Só o meu nome.

O verdadeiro assassino nunca foi preso. Nunca será. Mas eu paguei a pena por ele.

Na cela, um preso mais velho resumiu:

— Bem-vindo ao Brasil. Aqui, se seu nome é igual ao de um bandido, você é o bandido. A justiça é preguiçosa.

Ele suspirou.

— Nome igual. Só isso.

— Como chama isso?

— Não tem nome bonito. Chama descaso.

Aquela noite eu não dormi. Tive um pensamento que nunca contei a ninguém: *e se eu tivesse lá? E se minha memória tivesse apagado? E se o assassino fosse eu e eu não soubesse?*

Demorei três dias para entender: aquela dúvida não era verdade. Era a prisão tentando me convencer de que eu merecia estar ali.

Não merecia.

Pela primeira vez, eu não estava com raiva do assassino. Estava com raiva da justiça.

## O ônibus para o inferno

O ônibus era amarelo, sujo, com grades nas janelas.

Dentro, 40 presos. Cheiro de suor, mijó e desespero.

Algemados em fileira.

O preso do meu lado direito passou a mão na minha perna.

— Calma, novato. A noite chega rápido.

O carcereiro, gordo e sonolento, abriu um olho:

— Hora da brincadeira. Chegou novinho. Quem quer?

Os outros riram.

Seis horas de estrada. Cada curva, um soco no estômago.

Pensei na minha mãe. No bolo de milho que ela fazia.

Olhei pela janela gradeada. A lua estava lá. A mesma.

Mas eu já não era o mesmo.

O portão se fechou atrás de mim com um estalo metálico.

Bem-vindo ao inferno.



## PARTE II – DENTRO DA BESTA

### O portão se fechou

O presídio tinha nome bonito: "Centro de Reabilitação Penal".

Cheirava a morte.

O muro era o mais alto que eu já vi. Arame farpado. Cacos de vidro. Fosso.

Descemos. Algemados. Sol da tarde batendo na nuca.

— Fila!

Tiramos a roupa. Nus. Revistaram cada centímetro com dedos que não pediam licença.

Depois a ducha. Água gelada. Jato forte. Escorreguei. Um chute nas costelas.

A roupa: calça cáqui, camisa xadrez velha, chinelo de dedo. Tudo usado. Cheirando a outro preso. Outro suor. Outro desespero.

— Cela 7, 8, 9 ou 10. Escolham.

Não tinha escolha. Os fortes foram pra 7. Os fracos, 8 e 9.

Empurraram-me para a 10. A última. A mais funda. A que mais cheirava a sujeira.

Quinze homens me olharam.

Um deles, o maior, se levantou. Passou a mão na minha cara.

— Bonitinho. Novinho. Vai aprender.

Ele riu.

Senti um frio na barriga como nunca tinha sentido.

Primeiro dia.

Ali, sem saber, ganhei meu apelido: Biu Inocente. Era o que os outros presos repetiam com sarcasmo:

— Olha o Biu Inocente ali. Até o nome dele denuncia.

Não respondia. Só baixava a cabeça.

Mas guardava cada palavra.

## **Minha primeira noite no chão**

Não tinha luz. A lâmpada queimada há meses.

Só um buraco na parede deixava entrar um pedaço de luar.

Encolhi-me no canto. Chão de cimento. Sem colchão. Sem cobertor.  
Sem nada.

O grande — chamavam ele de Caveira — me olhava.

— Tá com medo, Biu Inocente?

— Sim.

— Pelo menos é honesto. Vai dormir. Amanhã a gente conversa.

Fechei os olhos, mas não dormi.

Cada ranger de chinelo era um punhal. Cada sussurro, uma ameaça.

Prometi a mim mesmo: se sobreviver a esta noite, vou sobreviver a todas.

A noite passou.

Sobrevivi.

## O banho que não lava

O banho era coletivo. Quinze homens nus, num espaço de três metros quadrados.

Um cano. Água fria. Cinco minutos.

Os mais fortes tomavam primeiro. Os mais fracos, o que sobrava.

Aprendi a tomar banho de costas para a parede. Sem abaixar. Sem fechar os olhos.

Um preso tentou me tocar. Gritei. O guarda nem olhou.

— Aqui não tem frescura.

A água não lavava o medo. Não lavava o fedor.

Aprendi que banho na prisão não é para limpar. É para lembrar que você não tem mais privacidade. Nem dignidade.

## A faca no pescoço

No quinto dia, um preso chamado Magrelo me encostou na parede.

Uma faca de madeira — fabricada por ele mesmo — pressionou meu pescoço.

— Ou você me dá o que eu quero, ou eu te machuco agora. Ninguém vai ligar.

Ele queria minha comida. Minha ração do dia.

Entreguei.

Ele riu. Guardou a faca.

— Amanhã é mais.

Passei três dias com fome. Até que Caveira percebeu.

— Magrelo tá te roubando?

— Sim.

Caveira foi até Magrelo, deu dois socos na cara dele, pegou a faca e quebrou.

— Esse novato é meu. Ninguém mexe.

Não foi bondade. Foi posse.

Troquei um carrasco por outro. Mas pelo menos não passei mais fome.

## Violentado na cela 10

Na terceira semana, Caveira cumpriu o que prometeu.

Ele não usou faca. Não precisava. Usou o peso do corpo. O silêncio dos outros. A noite.

Senti o que um animal sente quando está preso numa jaula e não pode fugir.

A dor não foi só no corpo. Foi na alma. Porque enquanto ele me agredia, eu pensava: *Não devia estar aqui. Não devia estar passando por isso.*

O pior não foi a violência. Foi o abandono.

Os outros 14 presos viraram o rosto. Alguns fingiram dormir. Outros saíram para fumar. Ninguém disse "para". Ninguém chamou o guarda.

Fiquei ali, no chão, depois que acabou. Olhando para o teto.

Na manhã seguinte, Caveira me olhou como se nada tivesse acontecido.

— Levanta, Biu. A comida sai em 10.

Levantei. Não por coragem. Porque se eu ficasse no chão, ele faria de novo.

Naquela noite, aprendi uma coisa: o inferno não é o fogo. É a indiferença.

## A noite em que Caveira falou

Uma semana depois da primeira vez, ele me encontrou no banheiro.

Dessa vez, não me tocou. Só encostou na parede ao meu lado.

— Você acha que eu nasci assim?

Não respondi.

— Também fui novinho. Também fui violentado na minha primeira semana. Por três caras. Enquanto os outros olhavam. Sabe o que eu fiz?

— O quê?

— Nada. Chorei. Rezei. Pedi pra Deus me tirar dali.

Ele puxou a manga. Mostrou o braço marcado por cortes antigos.

— Deus não me tirou. Então eu decidi que nunca mais seria vítima. Virei o estuprador. Porque aqui dentro só tem dois lugares: o que come e o que é comido.

Ele me olhou.

— Você quer virar eu? Se não, começa a aprender a bater. Ou vai ser minha comida até você se matar ou enlouquecer.

Naquela noite, ele não me tocou. Saiu e me deixou ali, tremendo.

Pela primeira vez, não senti só medo. Senti uma ponta de algo que não sabia nomear. Talvez tristeza. Por ele. Por mim.

## Sangue e silêncio

Depois da conversa, Caveira me violentou mais duas vezes. Depois parou.

Não porque virou meu amigo. Porque eu comecei a revidar. Não com violência — eu era fraco demais para isso. Mas com olhar. Com uma recusa quieta. Com a mão fechada quando ele se aproximava.

Ele se cansou. Arranjou outro novato.

Meu corpo doía. Eu limpava as marcas com água fria antes do banho.

Um dia, um preso mais velho — desses que já viram de tudo — me chamou no canto.

— Usa jornal. Ajuda a parar o machucado.

Nunca tinha ouvido aquilo. Fiz. Funcionou.

Naquela noite, ele sussurrou:

— Você é inocente?

— Sou.

— Eu também. Mas aqui dentro, todo mundo sofre igual.

Guardei aquele conselho como quem guarda uma ferramenta. Não para atacar. Para sobreviver.

## **Trabalho escravo da alvorada ao breu**

Acordávamos 5h da manhã. Café ralo. Um pão duro.

Depois, trabalho até as 18h.

Eu fazia boneca de pano. 12 horas por dia. Mesmo movimento. Mesma linha. Mesma agulha.

Ganhava nada.

— É para pagar sua estadia — dizia o guarda.

Cada boneca era vendida por 10 reais no mercado. Eu produzia 30 por dia. 300 reais. Recebia zero.

Um dia perguntei:

— Quanto eu ganho?

O guarda me deu um tapa na orelha.

— Ganha a oportunidade de não estar na solitária. Quer mais?

Não quis. Continuei costurando.

Aprendi que o preso não é um ser humano. É uma máquina que não para, não reclama, não tem direitos. Só que máquina não sente dor.

Eu sentia.

## A comida dos ratos

Comida duas vezes por dia.

Angu ralo. Feijão preto com areia. Arroz que cheirava a mofo. Carne? Uma vez por semana, um pedaço de osso sem carne.

Os ratos comiam melhor. Andavam livres pela cozinha. À noite, subiam nos nossos pés.

Um dia, um rato apareceu morto dentro do caldeirão do feijão.

A cozinheira tirou com a mão. Serviu.

— É proteína extra — ela riu.

Quem não comia, passava fome. Eu comi. Não por gosto. Por sobrevivência.

Barriga vazia não tem orgulho.

## Carta que não esperava

No primeiro ano, escrevi umas 20 cartas para minha mãe.

"Estou bem." "Estou vivo." "Por favor, venha."

Nunca recebi resposta.

Até que um dia o carcereiro me chamou:

— Severino, tem carta.

Meu coração quase parou.

Era um papel datilografado. Sem assinatura.

Dizia:

*"Você não é mais meu filho. Não escreva. Não ligue. Você envergonhou essa família. Se for inocente, Deus sabe. Mas eu não quero saber. Não volte. Não procure. Você morreu pra mim."*

Li umas dez vezes. Procurei um "estou brincando". Não tinha.

Guardei o papel debaixo do colchão. Toda noite, tocava nele. Como quem toca num túmulo.

Minha mãe estava viva. Mas para mim, tinha morrido.

Naquela noite, Caveira veio de novo.

Não resisti. Deixei. Porque já não tinha mais ninguém lá fora.



## PARTE III – O ABANDONO

### O primeiro ano sem visitas

Os domingos eram os piores.

Os portões abriam. Mulheres, crianças, velhos. Mães com sacolas. Filhas com filhos no colo.

Eu ficava no pátio, encostado no muro, olhando.

No primeiro domingo, pensei: "Ela se atrasou."

No segundo: "O ônibus deve ter lotado."

No terceiro: "Talvez ela esteja doente."

No quarto, quinto, sexto...

No final do primeiro ano, parei de esperar.

Não vinha ninguém. Nunca veio.

### "Seu advogado desistiu"

No segundo ano, um funcionário da administração me chamou.

- Seu advogado renunciou ao caso.
- Eu não tenho advogado. Tenho defensora pública.
- Ela pediu desistência. Acúmulo de processos.
- E agora?
- Vão nomear outro. Ou não. Fica no aguardo.

Fiquei três anos sem advogado. Três anos sem recurso. Sem revisão de pena. Sem nada. Três anos a mais no inferno.

Porque um papel se perdeu. Porque alguém estava cansado. Porque preso inocente não dá lucro.

## A mãe que quase veio

Cinco anos. Nenhuma visita.

Ainda escrevia. No Dia das Mães. No Natal. No aniversário dela. Nunca respondia.

No segundo ano, um enfermeiro da prisão me entregou um papel amassado. Era um bilhete da minha tia:

*"Sua mãe pegou o ônibus. Chegou no portão. Viu a fila, viu os guardas, viu o muro. Ficou meia hora olhando. Depois voltou. Disse que não consegue. Me desculpa."*

Guardei o bilhete. Chorei. Não porque ela não entrou. Porque ela chegou perto — e escolheu ir embora.

Passei a noite imaginando: o que fez ela desistir? Vergonha? Medo?  
Ou a certeza de que eu realmente era culpado?

No quinto ano, consegui uma ligação de dez minutos. Liguei para a casa dela.

— Alô?

— Mãe, sou eu.

Silêncio longo. Respiração pesada.

— Eu sei quem é.

— Por que você não veio? Só uma vez.

— Você sabe por quê.

— Não sei. Me diz.

Ela suspirou. Ouvi um choro engolido.

— Porque se eu for, eu vou ter que acreditar que você é inocente. E se você é inocente, então eu te abandonei à toa. E eu não aguento carregar isso.

— Mas você me abandonou.

— Eu sei. — A voz dela trincou. — Por isso não posso ir. Se eu for e te abraçar, o que eu vou dizer depois de cinco anos?

— "Desculpa" já serve.

— Não serve. Não pra mim.

Ela desligou.

Pela primeira vez, não senti raiva. Senti pena. Minha mãe não era má. Era covarde. Covardia dói igual. Mas é mais triste.

## Os irmãos que viraram estranhos

Eu tinha dois irmãos. Mais novos. Cresceram sem mim.

Um se casou. O outro foi embora da cidade. Nunca recebi carta. Nunca recebi visita.

Uma vez, no sétimo ano, consegui um telefonema de cinco minutos. Liguei pra casa da minha tia. Meu irmão mais velho atendeu.

— Alô?

— Sou eu.

Silêncio.

— Oi? — ele disse, como se não soubesse quem era.

— Teu irmão, Severino.

— Ah.

Silêncio de novo.

— Como você tá?

— Preso.

— Sei. Olha, tô com pressa. Depois a gente fala.

Desligou.

"Depois a gente fala." Nunca falou.

Naquela noite, percebi uma coisa: meus irmãos não tinham me abandonado por maldade. Tinham me abandonado por medo. Medo do que os vizinhos diriam. Medo de serem confundidos comigo. Medo de visitar uma prisão e descobrir que poderia ser qualquer um deles.

Não sei se isso é pior.

## **Natal no presídio – 8 anos seguidos**

Oito natais. Oito ceias com angu e salsicha. Oito noites sem árvore, sem presente, sem abraço.

Na primeira noite de Natal, Caveira ficou embriagado com cachaça artesanal fabricada dentro da cela. Ele me agarrou. Eu deixei. Era Natal. Até os guardas estavam bêbados.

Na quinta noite de Natal, eu já não sentia mais nada. Era só mais um dia.

Na oitava noite de Natal, olhei para o teto e pensei: "Lá fora, minha mãe está ceando. Meus irmãos estão trocando presentes. Ninguém lembra de mim."

O teto não respondeu.

Eu já não era o mesmo. Já não era ninguém.

## O grito que ninguém ouviu

Uma noite, não aguentei.

Não foi por causa da violência. Não foi por fome. Não foi por saudade. Foi por tudo junto.

Gritei. Gritei alto. Gritei com toda a força do peito. Gritei até a voz falhar.

O guarda veio.

— Cala boca ou vai pro castigo.

Continuei gritando.

Ele abriu a cela. Me arrastou. Me jogou na solitária.

Fiquei três dias no escuro. Sem comida. Sem água.

Quando saí, não gritei mais.

Aprendi que o sistema não quer ouvir. Quer calar.

Calei-me. Por fora. Por dentro, o grito ficou. Ele ainda está aqui.

## Quase morri de esquecimento

O esquecimento não é silêncio. É um buraco.

Você vai caindo devagar. Primeiro, esquece o cheiro da sua casa. Depois, a voz da sua mãe. Depois, o rosto dos seus irmãos. Depois, esquece quem você era.

Cheguei nesse ponto.

Olhava no pedaço de espelho quebrado do banheiro e não reconhecia aquele homem. Barba grande. Olhos fundos. Magro. Cicatrizes.

— Quem é você? — eu perguntava.

Ele não respondia. Porque ele já tinha morrido. Só o corpo continuava ali.

## O dia que pensei em me enforcar

Foi no final do terceiro ano.

Não aguentava mais. Não a dor. O nada.

Peguei um lençol. Rasguei em tiras. Enrolei.

Meu pescoço já estava no nó quando ouvi uma voz.

— Vai fazer isso mesmo?

Era um preso velho. Nunca tinha falado comigo.

— Me deixa.

— Pode. Mas se você se matar, eles vão jogar seu corpo numa vala.

Amanhã ninguém vai lembrar seu nome.

— Já não lembram.

— Eu lembro. Você é o Biu Inocente. O nome igual. A mãe que abandonou. O Caveira que te violentou.

Parei.

— Como você sabe tudo isso?

— Porque também fui inocente. Também fui violentado. Também fui abandonado. Estou aqui há vinte anos. Quer virar eu?

Tirei o lençol do pescoço. Sentei no chão. Chorei.

Ele sentou ao meu lado. Não disse mais nada.

Na manhã seguinte, ele tinha sido transferido. Nunca soube o nome dele.

Mas ele me salvou.



## PARTE IV – A ESCOLA DENTRO DO MURO

### Um livro rasgado no lixo

Três anos. Eu já não contava os dias.

Numa tarde qualquer, no pátio, vi um livro jogado perto da lixeira. Capa arrancada. Páginas amareladas. Cheirando a mofo.

Nunca tinha pegado num livro na vida. Entrei analfabeto. Letra? Não sabia. Meu nome? Escrevia errado. Minha mãe não tinha dinheiro para escola. Trabalhava desde os 8 anos. Ler? Para quê?

Mas naquele dia, agachei. Peguei o livro. Abri.

Não entendi nada. As letras eram formigas pretas. Mas eu sabia uma coisa: aquele objeto tinha poder. Os guardas tinham armas. Os juízes tinham livros.

Escondi o livro na calça. Guardei debaixo do colchão.

Naquela noite, tirei ele. Toquei as letras com o dedo. Não lia. Mas elas estavam ali. Quietas. Esperando.

Chorei. Não de tristeza. De raiva. Como um homem de 25 anos nunca aprendeu a ler?

Naquela madrugada, prometi: vou aprender. Não sabia como. Não tinha professor. Não tinha lápis. Não tinha nada. Só um livro rasgado e uma fome que não era de comida.

## A primeira palavra: "inocente"

No dia seguinte, procurei alguém que soubesse ler. A maioria não. Preso pobre, analfabeto igual eu.

Mas um homem de cabelo branco, óculos quebrado, aceitou me ensinar. Seu Eduardo. 58 anos. 14 anos de prisão.

— Vai ser difícil. Não tenho papel. Não tenho caneta.

— Tenho um livro.

Ele pegou. Folheou.

— É um romance. Velho. Serve.

Abriu na primeira página.

— Vê esta letra? É A. Repete: A.

— A.

— Esta é B.

— B.

Ele passou uma hora comigo. Eu esquecia. Ele repetia.

— Você é devagar, rapaz?

— Sou.

— Devagar também aprende. Só demora mais.

No final da semana, eu já juntava sílabas: A-BA, CA-SA, INO-CENTE.

Inocente.

Foi a primeira palavra inteira que li.

Repeti umas vinte vezes, baixinho, para mim. Como se a palavra pudesse me proteger.

Seu Eduardo sorriu.

— Agora você nunca mais vai esquecer o que você é.

Ele estava certo.

## O preso que sabia as letras (meu primeiro professor)

Seu Eduardo me ensinou tudo que sabia. Não era muito. Ele mesmo tinha parado na quarta série. Mas era o suficiente para me dar fome de mais.

Todo dia, uma hora. Às vezes duas, quando o carcereiro não estava olhando.

Ele me ensinou a escrever meu nome completo. Com todas as letras. Sem erro.

Na primeira vez que consegui, mostrei pra ele:

— Severino Silva — eu disse, apontando pro papel.

— É você — ele disse.

— Sou eu.

Nunca tinha me visto no papel. Agora eu existia. Não só como um número. Como um nome. Um nome que não era mais o do assassino. Era meu.

## Do analfabeto ao devorador de livros em 2 anos

Dois anos depois, eu já lia bem.

Li o romance rasgado três vezes. Li jornais velhos. Li bulas de remédio. Li a Bíblia da capela. Qualquer papel com letra eu devorava.

Seu Eduardo foi transferido. Mas a fome ficou.

Um preso novo chegou. Estudante de direito. Ele tinha um livro: Código Penal. Capa dura. Páginas finas. Cheiro de tinta de verdade.

— Me empresta? — pedi.

— Você não vai entender. É para advogado.

— Me empresta.

Ele emprestou.

Na primeira noite, não entendi nada. "Dolo", "culpa", "tipicidade". Parecia grego.

## **Mas eu tinha tempo. 14 horas por dia.**

Lia a mesma frase vinte vezes. Decorava artigos inteiros sem saber o significado.

O estudante de direito ficou impressionado.

— Você decorou o artigo 121?

— Homicídio simples. Pena de 6 a 20 anos. Parágrafo primeiro: homicídio privilegiado. Parágrafo segundo: homicídio qualificado.

Ele abriu a boca.

— Como?

— Li trezentas vezes.

— Você não leu. Você decorou.

— É a mesma coisa?

— Não. Mas quase.

Ele começou a me explicar. Dolo é intenção. Culpa é negligência. O mundo se abriu.

## O código penal que peguei da biblioteca

A biblioteca do presídio tinha três livros empoeirados. Um deles era o Código Penal. Capa dura, mas velha.

Eu não podia levar para a cela. O regimento proibia.

Uma noite, o guarda estava dormindo. Entrei na biblioteca pela janela quebrada. peguei o código. Escondi na calça e sai.

Mas aquele código me deu mais liberdade do que qualquer portão aberto.

Passei um ano com ele debaixo do colchão. Lia todas as noites. Decorava artigo por artigo.

Quando me revistavam, rezava para não acharem. Nunca acharam.

## Rasguei o Código

No sexto mês com o livro debaixo do colchão, quis desistir.

Não era a falta de luz. Não era o cansaço. Era a raiva.

Eu decorava artigos inteiros. Sabia de cor o 121, o 157, o 129. Mas não entendia nada. "Dolo eventual"? "Culpa consciente"? As palavras me olhavam como grades.

Uma noite, depois de errar a mesma definição pela vigésima vez, peguei o Código. Abri na página 47. Rasguei ao meio.

O som do papel rasgando ecoou na cela. Caveira levantou a cabeça.

— Enlouqueceu, Biu?

— Já estava louco.

Ele não disse mais nada.

Fiquei olhando os dois pedaços do livro. Um no chão. Outro na minha mão. Respirei fundo. Juntei os pedaços. Peguei um rolo de fita adesiva que um guarda tinha jogado fora. Colei. Página por página. Levou duas horas.

No dia seguinte, recomecei do zero. Não da página 1. Do começo do entendimento.

Peguei o estudante de direito que estava na cela ao lado.

— Me explica como se eu tivesse sete anos.

Ele riu. Explicou. Gravei.

Levei três meses para entender "dolo eventual". Três meses. Quinze vezes quis rasgar o livro de novo. Não rasguei.

Na décima sexta vez, entendi.

Nunca mais esqueci.

O livro ficou marcado. A fita adesiva amarelada. As páginas desalinhadas.

Advogado? Os outros presos riram

— Vou ser advogado — eu disse um dia na cela.

Silêncio. Depois, uma risada. Depois, todas.

Caveira quase engasgou.

— Advogado? Você? Mal sabe ler.

— Sei sim. E vou passar na OAB.

— OAB dentro da cadeia? Tá louco.

Zé Pequeno jogou a colher no chão.

— Você foi violentado. Come resto. Não tem visita. Não é ninguém.

Advogado é para rico.

Não respondi. Não baixei a cabeça. Só olhei.

Caveira interview:

— Deixa o maluco. Ele quer se iludir.

Naquela noite, riscaram na parede: "AQUI MORA O ADVOGADO".

Peguei um carvão. Abaixo escrevi: "ESTUDEI AQUI. VOCÊ NÃO."

No dia seguinte, apagaram. Escrevi de novo. Até que desistiram.

Estudar 14 horas por dia na cela fedorenta

Acordava 4h da manhã.

Das 5h às 17h, trabalhava. Depois, estudava.

Das 18h à meia-noite, livro aberto no colo. À luz do corredor, porque a lâmpada da cela estava queimada.

Os outros presos reclamavam do barulho.

— Para de ler em voz alta!

Lia mais baixo.

Às vezes, estudava no banheiro. O único lugar com luz fraca e sem ninguém. O cheiro era horrível. Mas não tinha escolha.

Fiz isso por quatro anos. Quatro anos de 14 horas por dia. Umas 20 mil horas.

20 mil horas de estudo dentro de uma cela fedorenta. Para sair de onde eu nunca devia ter entrado.

O guarda que me emprestava caneta

Um guarda, desses mais novos, percebeu que eu estudava.

— Você é o que vai ser advogado?

— Vou.

Ele riu. Mas diferente.

— Toma. Não vou te emprestar. Vou te dar.

Ele me deu uma caneta Bic preta.

— É pouca coisa.

— É tudo.

Com aquela caneta, fiz provas. Escrevi recursos. Desenhei letras.

Quando a tinta acabou, ele me deu outra. Nunca pediu nada em troca.

Anos depois, quando saí, procurei ele. Já não trabalhava mais no presídio. Nunca encontrei.

Mas a caneta dele está até hoje na minha gaveta. Seca. Guardada.

## **Provas por carta – ninguém me ajudou**

O curso era a distância. As provas vinham pelos correios. Eu fazia sozinho. Na cela. Sem ninguém para tirar dúvidas.

Os outros presos não podiam ajudar — não sabiam. Os guardas não queriam. O estudante de direito foi solto antes do fim.

Então era eu e eu.

Uma prova de direito penal: errei 6 de 20. Tirei 7. Uma prova de português: errei 8. Tirei 6.

Não desisti. Refiz. Refiz de novo.

Na quarta vez, tirei 9.

O coordenador do curso escreveu no verso: "Melhorou muito. Parabéns."

Guardei aquele bilhete debaixo do colchão, junto com a carta da minha mãe. Um dizia "você morreu". O outro dizia "você viveu".

Escolhi acreditar no bilhete.

## A notícia que mudou tudo: autorização para exame da OAB

No nono ano, pedi autorização para fazer o exame da Ordem.

O diretor olhou para mim.

— Você é o chato que não desiste.

— Sou.

— Sabe que precisa pagar a taxa?

— Não tenho dinheiro.

— Então não vai fazer.

Um padre que visitava o presídio ficou sabendo. Pagou a taxa. Não quis o nome divulgado.

O diretor autorizou.

— Mas você vai fazer aqui dentro. Numa sala separada. Com fiscal. Sem cola.

— Eu nunca coleí na vida.

— Pois é. Por isso você está preso.

Ele suspirou. Eu não.

A prova seria em três meses. Estudei como se fosse o único exame da minha vida.

Porque era.



## PARTE V – DA PRISÃO À LIBERDADE

### A prova da OAB dentro do presídio

No dia da prova, me levaram para uma sala vazia. Uma mesa. Uma cadeira. Um fiscal.

Algemado? Tirei as algemas. Pela primeira vez em nove anos.

Minhas mãos tremiam.

A prova tinha 80 questões. Li cada uma três vezes. Marcava a lápis. Apagava. Marcava de novo.

No meio, quis chorar. Não chorei. Respirei fundo. Lembrei do livro rasgado no lixo. Lembrei de Seu Eduardo. Lembrei da caneta Bic.

Terminei faltando 5 minutos. Entreguei.

O fiscal olhou para mim.

— Boa sorte.

— Obrigado.

Voltei para a cela algemado. Esperei.

## **"Aprovado" – o choro que eu não segurei**

Três semanas depois, saiu o resultado.

O diretor me chamou no gabinete.

— Senta.

Sentei. Ele abriu o papel. Leu. Olhou para mim.

— Você passou.

Não ouvi direito.

— Como?

— Passou. Nota 72. Parabéns, doutor.

Ele estendeu a mão. Não consegui apertar. Minhas mãos tremiam demais.

O choro veio. Não aquele choro baixo que aprendi a fazer no escuro. Um choro alto. Solto. De quem segurou nove anos de dor e agora deixava sair tudo.

O diretor esperou. Não disse nada.

Quando me acalmei, ele disse:

— Agora você é advogado. Mas ainda está preso. Vai usar seu diploma para sair?

— Vou.

— Então me ajude a acreditar que a educação funciona. Prove.

Ele não riu. Mas seus olhos brilharam.

Pela primeira vez em nove anos, senti algo parecido com esperança.

## O juiz que não queria me soltar

Com o diploma, entrei com um pedido de revisão criminal.

Mas o juiz que me condenara tinha se aposentado. Seu lugar foi ocupado pelo Dr. Albuquerque — o mesmo que, anos depois, negaria a soltura de um rapaz inocente que se enforcou na cela.

Ele me recebeu com desprezo.

— Severino Silva. O homônimo. O advogado-presidiário. Li seu caso. O senhor realmente acredita que o Estado errou?

— Não acredito. Tenho provas.

— Provas circunstanciais. O verdadeiro assassino foi preso em outro estado há cinco anos. Mas isso não prova que o senhor não participou.

— Excelência, não há uma só digital. Nenhuma testemunha. A confissão foi coagida.

Ele tirou os óculos. Me encarou.

— Sabe qual é o problema, doutor? O senhor me lembra um rapaz que tentei soltar e que se matou na cela. Eu tentei fazer o certo e ele

morreu. Agora o senhor aparece com a mesma história. Por que eu deveria acreditar?

— Porque o senhor não é Deus. É juiz. E juiz erra. Eu sou a prova viva. Quer continuar errando?

Ele ficou em silêncio. Bateu a caneta na mesa.

— Vou analisar. Aguarde.

Três semanas depois, a soltura saiu. Mas ele não pediu desculpas. Não me chamou de doutor. Apenas assinou o alvará.

— Pena anulada. Soltura imediata.

Eu chorei. Não de alegria. De cansaço.

Albuquerque não é mau. É medroso. Medo também é injustiça.

## **12 anos, 3 meses e 6 dias – o portão rangeu**

O dia da soltura foi 14 de maio. Chovia.

O portão rangeu — dessa vez para fora.

Não tinha ninguém me esperando. Nenhum carro. Nenhum abraço. Nenhum balão. Só eu, a chuva, e uma moeda de 1 real que um guarda me deu para o ônibus.

— Vai com Deus, doutor.

— Vou.

Andei um quilômetro até o ponto. Entrei no ônibus. As pessoas me olhavam estranho. Roupa velha. Barba grande. Mala de papelão.

Sentei no fundo. Olhei pela janela. A cidade estava igual. As ruas. As árvores. Os prédios.

Mas eu não estava igual. Era advogado. E ninguém ia me prender nunca mais.

## O primeiro passo na rua (sem saber usar celular)

O mundo lá fora tinha mudado. Celular com tela colorida. Internet. Caixa eletrônico. Eu não sabia usar nada.

Na primeira semana, fiquei perdido. Não sabia comprar passagem. Não sabia pedir comida num restaurante.

Um homem me viu perdido na rodoviária.

— O senhor precisa de ajuda?

— Preciso. Não sei usar isso — apontei pro celular dele.

Ele me ensinou. Depois perguntou:

— O senhor ficou preso?

— Doze anos.

— Inocente?

— Inocente.

Ele me levou para almoçar. Pagou minha comida.

— Meu irmão está preso. Inocente também. Um dia ele sai. Quero que alguém ajude ele igual eu estou ajudando o senhor.

Nunca esqueci esse homem. O mundo lá fora não era só abandono. Tinha gente boa. Eu só precisava aprender a encontrar.

## Reencontro com a mãe – o perdão que levou dois dias

Dois meses depois, procurei minha mãe.

Bati na porta da casa onde cresci. Ela abriu. Envelhecida. Magra. Os olhos vermelhos.

— Pode entrar?

Entrei. A casa estava igual. O cheiro de café. O sofá rasgado. A imagem de Nossa Senhora na parede. Sentei na cadeira onde sentava quando criança.

Ela ficou em pé, encostada no batente, como se eu fosse um bicho que poderia morder.

— Eu li sua carta — disse. — Obrigado.

— Não precisa agradecer.

— Não vim brigar. Não vim cobrar. Vim dizer uma coisa: eu te perdoo.

Ela arqueou as sobrancelhas. Abriu a boca. Fechou.

— Não precisa dizer nada — continuei. — Seu perdão não apaga o que aconteceu. Não vai fazer a gente virar uma família de comercial de margarina. Mas me tira um peso. Passei anos odiando você. E o ódio não me libertou. O perdão está me libertando. Aos poucos.

Ela se ajoelhou no chão da sala. Chorou. Não pedia desculpas com palavras. Pedia com o corpo.

Ajoelhei também. Não abracei. Fiquei ali, de joelhos, olhando para o chão, um do lado do outro.

Depois de uns cinco minutos, ela estendeu a mão. Segurei.

— Quer café? — ela perguntou, com a voz ainda trêmula.

— Quero.

Ela fez café. Serviu nas canecas quebradas. Sentamos em silêncio.

Não foi um abraço. Não foi um "estou arrependida". Foi um começo.

Dois dias depois, voltei. Dessa vez, ela abriu a porta e me abraçou.

Demorou dois dias para conseguir.

O perdão não é um martelo que bate. É uma porta que range.

## **Meu primeiro caso: um homônimo que eu salvei**

Seis meses depois, um homem me ligou.

— Doutor, meu nome é igual ao de um criminoso. Me prenderam. Estou há dois anos esperando julgamento. Minha família me abandonou. Ninguém acredita em mim.

Ouvi. Chorei.

— Vou pegar seu caso. Não vou cobrar nada.

Fui ao fórum. Pedi a soltura. Mostrei provas. Usei os mesmos argumentos que usei para mim.

O juiz soltou. O homem me abraçou. Chorou.

— Obrigado, doutor.

— Não me agradece. Me paga ajudando outro inocente um dia.

Ele topou. Hoje é meu amigo e parceiro de trabalho.

## Um passo em falso

No sétimo mês, peguei meu segundo caso. Um rapaz de 19 anos, mesmo nome de um traficante. Preso há três anos. A mãe dele vinha todas as semanas. Ele era inocente. Eu sabia.

Fiz a petição. Li os autos. Encontrei a mesma falha: nenhuma prova material.

O juiz era Albuquerque.

Na audiência, ele me olhou com desprezo.

— O senhor é ex-presidiário?

— Ex-inocente preso, Excelência. Advogado.

— Sei. O pedido está mal fundamentado. Indefiro.

Pedir vista. Ele negou. O rapaz continuou preso.

Três meses depois, o rapaz foi encontrado enforcado na cela.

A mãe dele me ligou aos prantos.

— O senhor disse que ia tirar ele.

— Eu disse. Tentei.

— Tentar não basta. Meu filho está morto.

Ela desligou. Nunca mais atendeu minhas ligações.

Naquela noite, fui para o bar. Bebi sozinho. Pensei em desistir da advocacia. Pensei que o sistema tinha vencido.

Marta me encontrou bêbado, caído na calçada.

— Severino, vamos para casa.

— Não consigo salvar ninguém. Nem eu mesmo.

— Você salvou um. Vai salvar outros. Mas não todos. Levanta.

Levantei. Não por coragem. Porque ficar no chão era o que o sistema queria.

No dia seguinte, escrevi uma carta para a mãe daquele rapaz. Não pedi desculpa. Disse a verdade: "Eu falhei. Mas vou continuar. Em memória do seu filho."

Ela nunca respondeu. Guardei o caso na gaveta. Para lembrar que a justiça não é um conto de fadas. Às vezes, o inocente morre. E o advogado fica com o peso.

## Uma nova família

Com o tempo, construí o que a prisão tentou destruir: uma família.

Conheci Marta. Ela não ligou para meu passado. Ela viu o homem que eu me tornei.

Casamos. Tivemos dois filhos.

Uma noite, olhando meus filhos dormindo, pensei: "Eles nunca vão saber o que é uma cela. Nunca vão sentir o que eu senti."

Fui grato. Não por ter sofrido. Mas por ter sobrevivido.

## O inferno me ensinou, a escola me libertou

Hoje advogo. Tenho escritório, clientes, respeito.

Os mesmos vizinhos que me apontaram o dedo agora me chamam de doutor. A mesma mãe que me abandonou hoje toma café na minha casa. Não peço indenização. Não processo o Estado.

Por quê? Porque a justiça que eu quero não é dinheiro. É dignidade. E a dignidade já conquistei — com livros, caneta, teimosia.

O inferno me ensinou: a dor é professora feroz. O abandono não mata, endurece. A escola é a única arma que ninguém pode tomar. O perdão não é fraqueza — é uma luta diária.

A escola não me libertou da prisão. Me libertou de acreditar que eu era o que diziam.

Porque antes eu era um homem analfabeto, violentado, abandonado. Hoje sou advogado, pai, marido, filho reconciliado. O mesmo nome. Outro homem.

## **Ninguém veio me ver – hoje, muitos querem me abraçar**

A ironia final: hoje as pessoas querem fotos comigo. Querem minha história. Querem dizer que torceram por mim.

Onde estavam quando eu gritava no escuro? Onde estavam quando Caveira me violentava? Onde estavam quando minha mãe me enterrou viva?

Não importa. A multidão aplaude o vencedor. Mas só Deus e você sabem o preço.

O preço foi alto. Meu corpo tem marcas. Minha alma tem cicatrizes.

Mas se você me perguntar se perdoei tudo, vou ser honesto: não. Ainda acordo suando algumas noites. Ainda olho para Caveira na rua (ele saiu, engordou, tem uma família) e sinto vontade de gritar.

O perdão não é um estado. É uma luta diária. Na maioria dos dias eu ganho. Alguns, perco.

Mas estou aqui. Venci. Não porque alguém veio me ver. Porque não desisti de mim.



# EPÍLOGO

## O que não digo aos meus clientes

No meu escritório, tenho uma caneca. Nela está escrito: *"Eu acredito em você."*

Não escrevo "Eu acredito em você, então tudo vai dar certo". Isso seria mentira.

Escrevo apenas "Eu acredito em você". Porque acreditar não garante vitória. Garante companhia.

Todo cliente que senta na minha frente pergunta a mesma coisa: "Doutor, eu vou sair?"

Respondo: "Não sei. Mas vou lutar até o fim. Se não der certo, você não vai estar sozinho."

Alguns choram. Outros agradecem. Um ou outro desiste. Não julgo quem desiste. A prisão suga a esperança em colheres de chá.

O que posso oferecer não é soltura. É a certeza de que alguém leu o processo. Alguém viu o rosto deles. Alguém chamou pelo nome.

## Se você está na prisão da vida

Se você está preso — de verdade ou na vida — não vou te dizer que um livro resolve. Não vou dizer que o estudo liberta todo mundo. Isso é mentira bonita.

O que digo é: o estudo libertou *um* analfabeto. Talvez liberte outro. Talvez liberte você. Mas não é garantia.

A única garantia é esta: se você não tentar, não sai nunca.

Eu tentei. Doze anos, três meses e seis dias.

Não foi o livro que me salvou. Foi a teimosia.

Teimosia não se ensina. Se cultiva. Eu cultivei. Você pode tentar.

**FIM**



UMA LIÇÃO DE HUMANIDADE E DIREITO.

- Resenha Literária

O PODER DA PALAVRA QUE  
QUEBRA AS CORRENTES.

- Crítica Cultural

**NINGUÉM VEIO ME VER - Do Abandono à Libertação.**  
Uma narrativa gráfica sobre o poder da educação no sistema prisional e a luta incansável de um homem para reescrever seu próprio destino jurídico e moral.

